

PROJETO INTERDISCIPLINAR YANOMAMI

RESUMO

A presente proposta tem um objetivo duplo; primeiro, do ponto de vista profissional, tanto para a antropologia como para a lingüística, que é o de explorar aspectos de relevância teórico-metodológica para ambas as disciplinas; segundo, quanto à sua importância prática, o de fornecer informações indispensáveis para o bom desempenho de equipes médicas que desenvolverão trabalhos a médio e a longo prazo entre os índios Yanomami no Brasil.

Sendo o maior povo indígena das Américas com o menor grau de interferência pelas sociedades nacionais envolvidas (no Brasil e na Venezuela), os Yanomami constituem-se em caso privilegiado para se criar condições de saúde e educação que os capacite a enfrentar de maneira satisfatória o contato iminente, ao contrário da esmagadora maioria dos grupos indígenas americanos, que somente foram alvo de medidas assistenciais depois de haverem sido dizimados pelos efeitos negativos — físicos, sociais, psicológicos — do avanço da sociedade ocidental.

Dentro de um projeto de pesquisa abrangente, englobando todo o Território Federal de Roraima e Estado do Amazonas, com o objetivo de conhecer as condições particulares onde será realizado o projeto de saúde constante do Convênio Nº 004/84, de 22 de fevereiro de 1984, celebrado entre a Médicos do Monde-Aesculapius International Medicine, a Comissão pela Criação do Parque Yanomami e a FUNAI, propõe-se aqui um primeiro projeto específico em antropologia e lingüística na área de Boas Novas, em Roraima. Esta área representa uma situação de contato bastante significativa, pois reflete o impacto da frente de expansão mais marcante no território Yanomami, que é a extração de minérios. Este estudo proporcionará

às equipes médicas os elementos necessários para uma atuação eficiente entre um conjunto de comunidades que sofre diretamente os efeitos de atividades de garimpo.

O sub-projeto de Boas Novas representa, pois, uma tentativa de construir um conhecimento antropológico e lingüístico que permita viabilizar programas médicos e educacionais de ensino bilingüe, compatíveis com a situação atual de uma das áreas Yanomami mais expostas ao contato com brancos.

PROJETO INTERDISCIPLINAR YANOMAMI

INTRODUÇÃO

No mês de fevereiro de 1984, a FUNAI firmou convênio com a Medécins du Monde (MDM) - Aesculapius International Medicine (AIM) e Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY), para a execução de um programa integrado de saúde, com a duração de dois anos, e a participação de médicos, dentistas, antropólogos, lingüistas e outros conhecedores da realidade Yanomami (vide convênio em anexo). Previstos no convênio estão estudos antropológicos e lingüísticos que contribuam para o melhor rendimento possível das atividades de medicina preventiva e curativa pretendidas.

Pergunta-se por que congregam esses esforços em torno de um grupo indígena com relativamente pouco contato com a sociedade nacional. A razão está justamente no fato de os Yanomami representarem uma situação em que ainda é possível tomar as providências necessárias para evitar os danos causados pelo contato indiscriminado com frentes regionais, como peões, garimpeiros, colonos, etc.

Essas providências consistem, principalmente, na garantia de suas terras, conforme previsto na Constituição Federal, na assistência médica, especialmente com vacinações, na educação, notadamente, através de ensino bilingüe, de modo a equipar os indígenas com o necessário conhecimento sobre a sociedade nacional, evitando esbulhos e, ao mesmo tempo, preservando a sua língua materna como veículo de identidade étnica.

A demarcação das terras Yanomami tem sido objeto de extensa campanha nacional e internacional, intensificada a partir de 1979 (vide proposta em anexo, IWGIA Document

.2.

Nº 37). Sendo prerrogativa do governo federal, essa demarcação tem esbarrado com inúmeros entraves e, até hoje, ainda não foi realizada. O status atual do território Yanomami está regulamentado por uma portaria de interdição, de 1981, que estabelece uma área de 7.700.000 ha para os aproximadamente 10.000 Yanomami no Brasil. Legalmente, essa interdição proíbe a entrada de estranhos na área, especialmente no que tange a atividades prejudiciais aos indígenas. Entretanto, tem havido, seguidamente, invasões de garimpeiros em vários pontos desse território, tanto em Roraima como no Amazonas. As terras Yanomami, embora sendo pobres para a agricultura, são ricas em minérios (cassiterita e ouro, principalmente), o que tem atraído a atenção de indivíduos, empresas e políticos que vêm nesses minérios a salvação de uma região que se diz em declínio econômico (vide projeto de lei do deputado Mozarildo Cavalcanti, PDS-RR, em anexo). A grande frente de expansão que ameaça os Yanomami é, pois, a mineração, em suas duas modalidades: garimpagem manual e mineração mecanizada a cargo de empresas.

Quanto à assistência médica, através das duas décadas, aproximadamente, em que o contato dos Yanomami com "civilizados" se intensificou, foram poucos e esporádicos os esforços de se proteger a população indígena contra as doenças contagiosas trazidas de fora. As missões religiosas que operam na área e a FUNAI, até agora, estiveram aquém desse objetivo. Decorre daí o interesse e a importância das entidades médicas mencionadas em colaborar com a CCPY e com a FUNAI no sentido de levar aos Yanomami programas de vacinação e outras medidas de medicina preventiva e curativa, de modo a evitar as conseqüências dizimadoras de grandes epidemias de sarampo, coqueluche, por exemplo, como já vem ocorrendo nos últimos quize anos, assim como tentar o controle de doenças como a tuberculose, anemia, verminose, etc. Por se tratar de população

indígena com pouco contato com o exterior, os programas médicos devem estar sempre informados das características culturais dessa população, o que torna imprescindível a assessoria de antropólogos e outros especialistas, conforme está previsto no convênio.

No que diz respeito à educação, trata-se de iniciar um trabalho de alfabetização, de modo a equipar os índios, pelo ensino bilingüe, para uma interação intensa e prolongada com regionais. São praticamente inexistentes as experiências de ensino bilingüe em território Yanomami (a missão evangélica entre os Sanumã do rio Auaris sendo uma possível exceção). Para um tal programa de educação, é indispensável realizar-se um estudo lingüístico das línguas Yanomami, como pré-requisito para a elaboração de materiais didáticos. Tendo em vista essa necessidade, e também para atender às exigências de comunicação das equipes médicas com os indígenas, o convênio acima referido prevê a participação de lingüistas encarregados de coletar e fornecer as informações necessárias a esse duplo objetivo.

A proposta de pesquisa aqui apresentada está, portanto, diretamente vinculada aos objetivos declarados no Convênio MDM/AIM-CCPY-FUNAI, tendo, no entanto, dois tipos de preocupação: primeiro, servir de base informativa e orientadora para as equipes médicas atuantes na área Yanomami; segundo, trazer subsídios para a antropologia e a lingüística, no sentido de abordar aspectos relevantes da vida social e de expressão desses índios, contribuindo para um melhor conhecimento da etnografia indígena sul-americana e, ao mesmo tempo, explorando certos caminhos teórico-metodológicos atualmente em evidência nessas duas disciplinas. A área selecionada para a realização dessas primeiras pesquisas é aquela que atualmente mais se destaca por atividades de mineração: Boas Novas, na região do Alto rio Uraricoera, onde há alguns anos opera

um garimpo de extração de ouro. Essa área configura-se como o local da primeira etapa de um programa de pesquisa mais amplo que, em tempo hábil, incluirá outras áreas de interesse, como Surucucus, em Roraima, Marauiã, Maturacá e outras, no Amazonas.

SUB-PROJETO BOAS NOVAS

No norte do Território Federal de Roraima, nos vales dos rios Uraricaã, Coimin e Surubai, afluentes do rio Uraricoera, e na Serra Urutanim, vivem cerca de 200 Yanomami do sub-grupo lingüístico Yanam ou Ninam, distribuídos em nove comunidades que variam de 9 a 80 habitantes (Relatório Yanomami/82, elaborado pela CCPY). O acesso à região é difícil, devido ao terreno acidentado e conseqüente presença de cachoeiras. Como no passado, quando a Baptist Mid-Missions lá operava nos anos 60, aviões monomotores fazem hoje o transporte de carga e de funcionários da FUNAI que mantêm dois postos na área.

O contato desses índios com brancos data, pelo menos, da década de 60, quando pequenos números de garimpeiros entravam na área para explorar ouro, atravessavam a fronteira para a Venezuela, regressavam quando expulsos de lá e, no processo, contaminaram os indígenas várias vezes com gripe, tuberculose, doenças venéreas. Ainda que em proporções não catastróficas, essas doenças deixaram a sua marca, levando a uma baixa populacional: em 1960 eram 250 índios; em 1982 estavam reduzidos a 196.

A partir de 1980 começa a funcionar o garimpo de extração de ouro no Furo de Santa Rosa, às margens do rio Uraricoera. No seu auge, esse garimpo chegou a contar com

uns 5.000 garimpeiros, segundo informações veiculadas pela imprensa e televisão. A uma distância relativamente pequena das comunidades Yanomami (vide mapa), a sua influência tem sido, previsivelmente, muito marcante, não só quanto à contaminação por doenças, como também em termos de dependência econômica e transformações no estilo de vida, com relação a gostos de vestuário, penteado, música, etc. É sintomática, por exemplo, a informação contida no relatório de 1982 da CCPY, que menciona haverem alguns indígenas adquiridos de garimpeiros e comerciantes que transitam na área comprimidos do anti-malárico Aralém em troca de ouro!

Em seu relatório de 1983, Claudia Andujar, coordenadora da CCPY, informa que os Yanom de Boas Novas já se dedicam, eles mesmos, a atividades de garimpagem, independentemente do que ocorre no garimpo dos brancos no Furo de Santa Rosa. Em vários pontos dos rios da região, os índios extraem ouro de maneira análoga à de sua organização do trabalho agrícola: os garimpos são trabalhados como as roças, isto é, como atividade familiar, de posse ou propriedade de cada família e as mulheres também participam da produção do minério. Essa forma de garimpar é rara, senão mesmo única, e revela uma grande criatividade dos Yanom no processo de se ajustarem a novas condições de vida trazidas de fora. Entretanto, ressentem-se de falta de autonomia para o escoamento e comercialização do ouro que produzem, pois dependem totalmente dos brancos do garimpo Santa Rosa, ou dos funcionários da FUNAI, nem uma nem outra alternativa sendo-lhes satisfatória. Clamam, pois, por medidas que lhes permitam exercer maior independência econômica, como um tipo de entreposto comercial em sua área que lhes pague adequadamente pela produção, sem que tenham que pagar exorbitantemente por produtos manufaturados de que necessitam. Clamam também por escola, por uma educação sistemática e efetiva que lhes assegure o domínio da língua

portuguesa e de outras facetas da sociedade nacional, de modo a torná-los mais aptos a enfrentar o contato com "civilizados" em condições menos desiguais e desvantajosas do que as atuais.

O OBJETO DE ESTUDO

Temos, pois, duas tarefas principais na investigação de Boas Novas: uma antropológica, outra lingüística.

O estudo antropológico

A tarefa antropológica tem como objeto de estudo a atividade de garimpagem e sua influência sobre a população Yanam de Boas Novas. Pretende-se investigar essa influência em duas frentes:

1º) As formas de organização de trabalho que têm sido adotadas pelos índios como resposta à presença de garimpos em suas terras e desenvolvidas através de, pelo menos, duas décadas. Incluídas aí estão considerações de várias ordens:

a) econômica: reflete a situação de dependência dos índios perante um mercado externo que os sujeita às condições ditas por intermediários nem sempre escrupulosos; repercussões das atividades de garimpagem no desempenho de outras atividades, como plantio de roças, caça, coleta, pesca e artesanato; reflexos da atividade garimpeira nos padrões de assentamento, regras de residência e outras práticas tradicionais. Os locais de garimpagem representam pontos nodais em que se problematiza a questão do encontro de atividades de subsistência e uma atividade externamente induzida, dirigida para fora das comunidades, uma vez que o ou

ro serve aos Yanam como bem de troca e não como bem de uso;

- b) simbólica: a garimpagem repercute na cosmovisão indígena, trazendo-lhes maneiras diferentes de ver o mundo, um mundo agora voltado para fora, dando acesso a novos canais de experiência e expressão; o impacto do ouro como bem material e simbólico no universo cognitivo e de valores dos Yanam, talvez transformado no símbolo máximo de seu contato com os brancos; tão importante é o mundo do garimpo para os índios que estes utilizam a palavra karimpeiro para querer dizer o "civilizado";
- c) social: o garimpo pode trazer consigo novos modos de associação, rivalidade, aliança, antagonismo, etc., ou pode tão somente reforçar práticas e sentimentos já existentes; os efeitos da prostituição e suas ramificações na vida social das comunidades;
- d) política: é possível que a garimpagem tenha levado a transformações nas relações de autoridade e poder, com a possibilidade de uma passagem do tipo tradicional de poder de persuasão para um outro, de coerção, que marca a política do contato interétnico;
- e) ecológica: a atividade de garimpagem incorre, necessariamente, no estabelecimento de novas relações com o meio-ambiente, afetando padrões tradicionais de exploração de recursos; enquanto se garimpa não se planta, não se caça, nem se coleta. Que implicações tem tudo isso no equilíbrio do ciclo vital dos índios, afetados que são pelos ciclos vitais da fauna e da flora? Que impacto tem o contingente populacional de garimpeiros brancos no comportamento dos agentes de doenças endêmicas, como a malária, e como os índios reagem a isso, em termos de buscar soluções de

fora ou de sua própria tradição?

29) Pretende-se, igualmente, observar até onde vai a influência do garimpo "civilizado" de Santa Rosa sobre as comunidades Yanam. É necessário saber como está organizado esse garimpo, qual o fluxo de trabalhadores que entram e saem, qual o tipo de organização de trabalho e remuneração, qual o código de interação aí vigente, de modo a avaliar as diferenças e semelhanças entre estes e os índios que garimpam por conta própria. Também é necessário saber se há índios trabalhando em Santa Rosa, em que condições de permanência ou transitoriedade, de igualdade ou subordinação, se estão lá individualmente, em grupos de homens, ou em famílias; qual a frequência das idas dos índios ao garimpo de Santa Rosa, como interagem com os brancos, que tipo de transações econômicas e outras se dão nesse espaço do contato, se o idioma do ouro é a moeda corrente de comunicação, ou se existem outras formas transacionais.

Respostas a estas questões antropológicas serão necessárias para que um programa eficiente de saúde e educação possa ser construído em bases sólidas. Às condições específicas da área de Boas Novas deve corresponder um projeto assistencial igualmente específico, levando em conta as marcas sociais, psicológicas, econômicas, políticas do contato com brancos.

O estudo lingüístico

A tarefa lingüística consiste em levantar a estrutura da língua Yanam/Ninam em seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Esse levantamento, com dição sine qua non para o entendimento sistemático de qual

quer idioma, é tanto mais necessário no caso Yanomami, quanto é escasso (ou inexistente) o conhecimento que a maioria dos indígenas tem da língua portuguesa (ou espanhola). Paralela mente a esse estudo exaustivo da língua Yanam, pretende-se construir, a curto prazo, um elenco de "frases úteis", isto é, formas de expressão Yanam que possam ser utilizadas de maneira imediata pelas equipes médicas no seu trabalho, de modo a agilizar a comunicação, evitando mal entendidos, demoras e impasses no processo de vacinação ou tratamento. A médio e a longo prazo, a construção da fonologia e gramática Yanam servirá de fundamento indispensável para a elaboração de um programa de alfabetização e ensino bilingüe.

Duração e equipe de pesquisa

Este primeiro sub-projeto está programado para três meses — de dezembro de 1984 a março de 1985. Esse período (curto, porém suficiente com planejamento adequado) corresponde ao intervalo de férias escolares, que permite aos pesquisadores antropólogos ausentarem-se de suas respectivas universidades, onde são professores em regime de dedicação exclusiva. Entretanto, é de se esperar que o sub-projeto não se esgote nesses três meses, pois novas questões deverão surgir a partir desta primeira etapa. Fica, pois, aberta a possibilidade e intenção de renovações deste projeto no futuro próximo, assim como a elaboração de outros sub-projetos em outras áreas Yanomami.

A equipe de pesquisadores será composta de:

Alcida Rita Ramos - pesquisadora responsável - antropóloga, professora da Universidade de Brasília e representante da CCPY junto ao Convênio MDM/AIM-CCPY-FUNAI, com longa experiência de pesquisa entre os Yanomami no Brasil. Estará encarregada

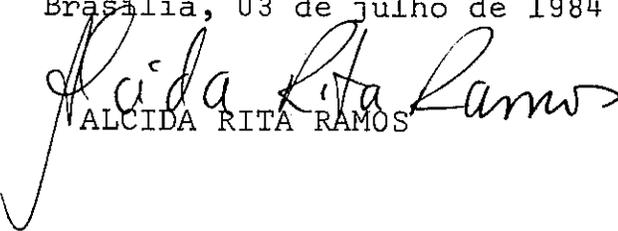
da de investigar a primeira parte da tarefa antropológica, isto é, o que se refere às atividades de garimpagem dos próprios índios Yanam.

Marco Antonio Lazarin, antropólogo, professor da Universidade Federal de Goiás, tem experiência de pesquisa com garimpos no Estado de Goiás. Incumbir-se-á da segunda parte da tarefa antropológica, a saber, junto ao garimpo Santa Rosa, investigar a influência desse garimpo sobre os índios Yanam.

Gale Goodwin Gomez, lingüista, candidata a doutorado em Lingüística pela Universidade de Columbia, Nova York. Terá a seu cargo a totalidade da tarefa lingüística.

Vide em anexo o curriculum vitae de cada pesquisador.

Brasília, 03 de julho de 1984


ALCIDA RITA RAMOS

ORÇAMENTO

US\$

TRANSPORTE

- | | |
|--|----------|
| 1) Brasília-Boa Vista-Brasília (via aérea, ida e volta, classe econômica para 3 pessoas a Cr\$ 849.534,00, o que equivale a US\$ 500.00 cada | 1,500,00 |
| 2) Boa Vista-Boas Novas (via aérea, ida e volta, aluguel de monomotor a US\$300.00 por hora para 4 horas e 40 minutos | 1,400.00 |

HOSPEDAGEM E ALIMENTAÇÃO

- | | |
|--|----------|
| 1) Hotel em Boa Vista para 3 pessoas por 7 dias a US\$ 20.00 por pessoa | 420.00 |
| 2) Refeições em Boa Vista para 3 pessoas, por 7 dias a US\$ 6.00 por pessoa por refeição | 126.00 |
| 3) Alimentação em Boas Novas* para 3 pessoas por 90 dias a US\$ 4.00 por pessoa por dia | 1,080.00 |

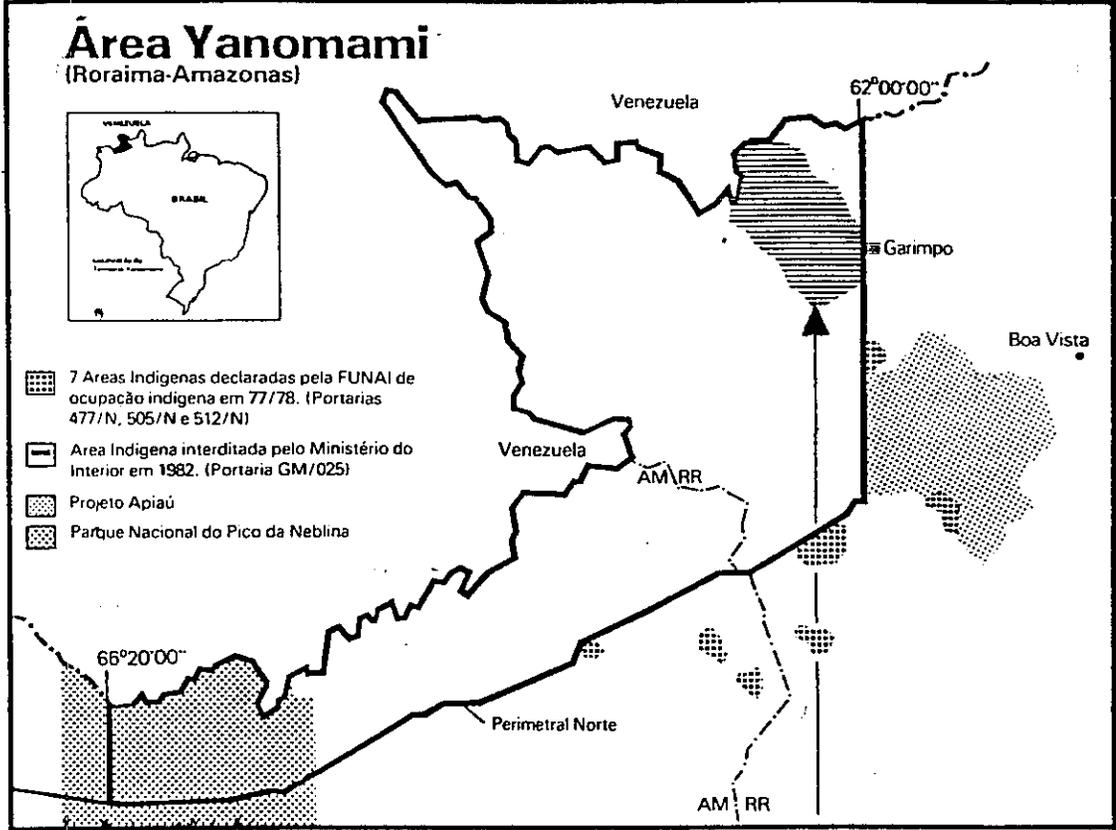
DIVERSOS

(Fitas cassete, filmes para máquina fotográfica, brindes para informantes, remédios, etc.)	450.00
--	--------

TOTAL

4,976.00

* Dependendo das condições locais, um ou todos os pesquisadores poderão hospedar-se no Posto da FUNAI ou nas casas dos índios. Em qualquer caso, é preciso levar para o campo todas as provisões necessárias, de modo a não sobrecarregar o orçamento dos hospedeiros.



Uraricaá, Coimin e Surubai